

Herética

Jorge Santos

Un artista debe vivir donde el arte sea movido con la esperanza de ser subversivo, porque si no es solo laborterapia permitida dentro de un manicomio.

Eliseo Subiela

Em sua homenagem a Marguerite Duras, Lacan propõe que o artista está à nossa frente, e é do que a arte nos faz ver que os analistas devem aprender. Começo com a arte para chegar à psicanálise através do filme "O Lado Escuro do Coração", onde Subiela apresenta cenários em que o artista, a arte e a forma como lida com seu objeto estão imersos.

Aqueles que praticam arte enfrentam a realidade da vida ao trabalhar para viver; vendem sua arte para comer, prostituem a escrita fazendo publicidade, pervertem a escultura fazendo exposições para o melhor lance. Em outra dimensão, a arte exhibe sua condição subversiva, ligando o fazer singular do artista à realidade social. A exposição implica um risco tanto para o artista quanto para quem consome a arte. O artista se expõe a uma metamorfose toda vez que se envolve no tempo de criação e, ao tornar pública sua obra, se expõe às represálias de um sistema por seu fazer fora da norma social. O observador imerso na exposição da obra corre o risco de ser afetado, comovido e participar ativamente da obra. Dessa forma, o observador passivo se transforma em artista, construindo não apenas uma interpretação da obra, mas, ao se deixar habitar por ela, a obra se reproduz nele, percebendo uma mudança subjetiva, uma possibilidade de recriar o mundo, recriá-lo e, com isso, inventar outra obra: a própria. Na arte, um objeto cotidiano é retirado de seu contexto original e recontextualizado, portanto, esvaziado da função que tinha anteriormente e adquire outra função. Encontramos nesta operação o que Lacan chama de "elevar o objeto à dignidade da coisa"¹, em outras palavras, a pregnância imaginária do objeto se dissolve e ele mostra o vazio essencial que o habita e o sustenta.

A arte não tem utilidade em si mesma, mas o artista deve viver movido pela esperança de que sua arte seja subversiva. O artista deve tomar uma posição fora dos discursos

¹ J. Lacan. Seminario 23. El Sinthome. Clase 18/11/75. Editorial Paidós. Buenos Aires, 2006.

hegemônicos para que seu fazer não seja subsumido como uma “laborterapia” permitida, regulada e fetichizada pelo próprio sistema. Vicissitudes às quais também enfrenta o praticante da psicanálise. Subverter vem do latim *vertere* (dar voltas, torcer, virar), então subverter não significa ir contra, mas encontrar maneiras de dar uma volta ao que parecia operar apenas em uma linha, produzir uma torção, deslocar a aparência de sentido para fazer surgir do vazio algo mais fora dos consensos estabelecidos sobre o bom, o belo e o bem. Lacan explicita que "toda arte se caracteriza por certo modo de organização ao redor de um vazio"². Dessa forma, a arte e a psicanálise são práticas que bordeiam o vazio, circunscrevendo-o e dando lugar ao real da coisa.

Neste panorama, tanto o artista quanto o analista, em sua prática singular, evidenciam que não há maneira de apreender o objeto, operam com versões ou ficções do ser inapreensível. A verdade é ficcionada, pois não se encontra em um manual de conceitos, é preciso produzi-la. Se um praticante de arte quer que sua obra faça ondas, é fundamental que rompa com a técnica que o condena a ser um repetidor, deve alojar em sua prática, assim como o praticante do psicanálise, uma fenda, fissura ou porta de onde provocar um ato que comova o sujeito e possibilite as condições de possibilidade para dar lugar à criação singular. Tanto o artista quanto o analista são hereges em seu modo de escolher, ambos devem tomar uma posição e apostar na subversão. Como hereges, relêem, repensam e revelam uma fissura por onde se assoma um vislumbre do real que desperta através de seu ato. Ficção, real e ética ficam aqui entrelaçados a partir de uma posição herética, e Lacan a reitera ao nos convidar a fazer como ele e não imitá-lo. Um convite que convoca a romper com o ideal imaginário e dar lugar à operação de criação própria do ser falante (*parlêtre*).

Lacan renovou a convergência entre ficção e ética ao expressar "me distingo da linguagem do ser. Isso implica que pode haver ficção da palavra, quero dizer, a partir da palavra, e como alguns talvez se lembrem, foi isso que eu parti quando falei sobre a ética"³. A ficção

² J. Lacan. Seminario 7. La ética del psicoanálisis. Editorial Paidós: Buenos Aires, 2007. p.160

³ J. Lacan. Seminario 20. A ún. Clase 22/10/73. Editorial Paidós: Buenos Aires, 1981. p.160

sustenta o fato de que não há linguagem do ser, não há verdade absoluta que possa ser dita, tanto a palavra quanto a verdade estão estruturadas como ficção. No intervalo entre o que é dito e o que é silenciado instala-se uma lacuna irreduzível, um impossível de dizer que opera a partir da ficção que sustenta e contém um real que em seu modo de dizer parcialmente faz brilhar algo da verdade. O problema da ética então diz respeito a um real ao qual é impossível ter acesso, mas que ao sustentar a verdade como não-toda, opera para subverter a percepção dos acontecimentos, mudar as coordenadas do representável e colocar em jogo o irrepresentável.

Claudia Lorenzetti caminhando com Jacques Rancière refere que "a prática da arte remete ao que possibilita uma suspensão das formas ordinárias da experiência sensível, tratando-se nesse modo de representação de como se colocam em jogo as estratégias dos artistas"⁴. A complicação neste sentido "não consiste em saber se se pode ou se deve ou não representar, mas em saber o que se quer representar e que modo de representação deve ser escolhido para tal fim"⁵. Lorenzetti introduz a dimensão da estética do sublime para dar lugar à categoria do irrepresentável, "o sublime não é outra coisa senão a anunciação da ética no campo da estética"⁶. Por esta vertente, ética e estética podem se entrelaçar articulando também psicanálise e arte pelo modo como em ambos os territórios o real irrepresentável é tratado a partir da ficção como operação ou porta de acesso ao impensável. É o encontro com o irrepresentável ou o impossível da obra ou da experiência analítica que favorece e provoca o advento da contingência e evita que o sujeito se afogue no mar das certezas que a atualidade promove em suas múltiplas representações. Será possível então pensar em uma heréstica onde convergem heresia, ética e estética?

Naquilo que foi dito anteriormente, é enfatizada a importância da escolha na operação de representação, onde se propõe não para unificar ou coagular, mas para deslocar o sentido e a representação hegemônica e dar lugar ao irrepresentável. Assim, o dispositivo proposto pelo praticante de arte ou pelo praticante de psicanálise é fundamental para esse fim e, ao

⁴ C. Lorenzetti. Una estética para el psicoanálisis y el arte. Ediciones del Dock: Buenos Aires, 2021. p.45

⁵ Ibid.p.45

⁶ Ibid. p. 46

pertencer ao campo da ética do desejo, opera desde o singular fora de um manual de técnicas ou operações éticas, heréticas ou estéticas. Portanto, é necessário observar as marcas que constituem a prática de cada um, apropriar-se delas e possibilitar que surjam novos modos de fazer singular que toquem o corpo e o transformem.

Volto à pergunta que nos convoca neste encontro: Qual é a ética para a prática psicanalítica na atualidade? Atualidade que apresenta um cenário onde tudo é tecnificado, mostrável, possível, comunicável, onde se pretende transparentar o todo indiferenciado sem portas e num tempo de rejeição à castração. A aposta, segundo Jean Michel Vapperau, é construir portas, propiciar cortes, recriar intervalos entre dobras. Traçar uma sombra na transparência, fazer com que não se veja imediatamente que do que se trata é do que se meio diz, meio dizer que orienta nossa prática. Terminarei com o que tem sido para mim uma porta na linguagem: a poesia.

Ouvir com os olhos, ver com os ouvidos, deixar-se habitar pelo inexplicável. Dar lugar ao que não tem sentido, encontrar portas em espaços fechados, sentir o brilho do inútil que ressoa, reverbera, fragmenta e, entre intervalos, produz. Abrir, fechar, emparelhar, meio abrir, meio fechar, meio dizer que cria, ficciona, contorna e rompe com o que sustenta o pensamento. Ruptura que extrai a magia das palavras, imagens que subvertem o tempo e deslocam a ideia do todo perfeito ou bem supremo. Ética sublime, estética desgarrada, vertigem que expressa o não-todo, caos que convida a criar, cruzamentos de linhas entre o que se mostra, oculta e fratura. Desdobramentos da vida impregnada de morte, intervalo entre o que se diz e se cala, impossível de dizer, fenda por onde se assoma aquilo que aviva, desperta e transgride como ato herético, onde se entrelaçam a estética e a ética, a arte e a psicanálise, o real com a ficção.